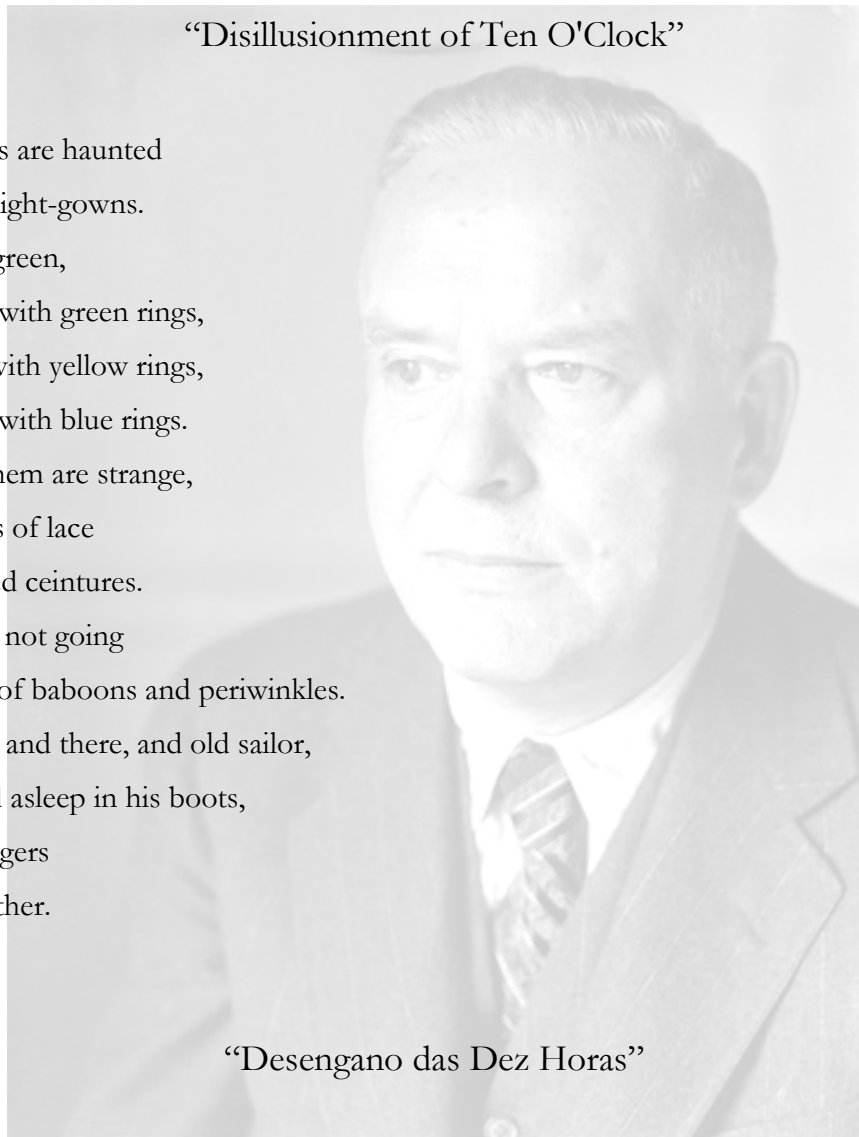


Poemas Traduzidos – Sueli Cavendish¹ (UFPE)

A Paulo Henriques Britto, com gratidão e afeto

Wallace Stevens²

“Disillusionment of Ten O’Clock”



The houses are haunted
By white night-gowns.
None are green,
Or purple with green rings,
Or green with yellow rings,
Or yellow with blue rings.
None of them are strange,
With socks of lace
And beaded ceintures.
People are not going
To dream of baboons and periwinkles.
Only, here and there, and old sailor,
Drunk and asleep in his boots,
Catches Tigers
in red weather.

“Desengano das Dez Horas”

As casas são assombradas
Por camisolas brancas.
Nenhuma é verde,
Ou púrpura, com fitilhos verdes,
Ou verde com fitilhos amarelos,

Ou amarela com fitilhos azuis.
Nenhuma é estranha,
Com meias de renda
E cinturas adornadas de contas.
Ninguém irá sonhar
Com babuínos e pervincas.
Somente, de vez em quando, um velho marinheiro,
Bêbado e dormindo de botas,
Captura Tigres
Em tempo rubro.

*

* *

“Of Mere Being”

The palm at the end of the mind,
Beyond the last thought, rises
In the bronze distance,
A gold-feathered bird
Sings in the palm, without human meaning,
Without human feeling, a foreign song.
You know then that it is not the reason
That makes us happy or unhappy.
The bird sings. Its feathers shine.
The palm stands on the edge of space.
The wind moves slowly in the branches.
The bird's fire-fangled feathers dangle down.

“Do Mero Ser”

A palmeira ao termo do espírito,
Além do último pensamento, surge

Na distância de bronze. Um pássaro de plumas de ouro
Canta na palmeira, sem humano significado,
Sem humano sentimento, uma canção estrangeira.
Sabes então que não é a razão
Que nos faz felizes ou infelizes.
O pássaro canta. Suas plumas refulgem.
A palmeira se alteia na fímbria do espaço.
O vento se move devagar nas ramas
Pendem do pássaro as plumas flamejantes.

*

* *

“Another Weeping Woman”

Pour the unhappiness out
From your too bitter heart,
Which grieving will not sweeten.

Poison grows in this dark.
It is in the water of tears
Its black blooms rise.

The magnificent cause of being,
The imagination, the one reality
In this imagined world
Leaves you
With him for whom no phantasy moves,
And you are pierced by a death.

“Outra Mulher que Chora”

Deita fora toda a mágoa

Do teu amaríssimo coração
Que o luto não fará mais doce.

O veneno cresce na escuridão.
É nas águas de lágrimas
Que flores pretas afloram.

A causa esplendente do ser,
A imaginação, realidade una
Neste mundo imaginado

Prende-te a quem
Nenhuma fantasia move
E trespassa-te uma morte.

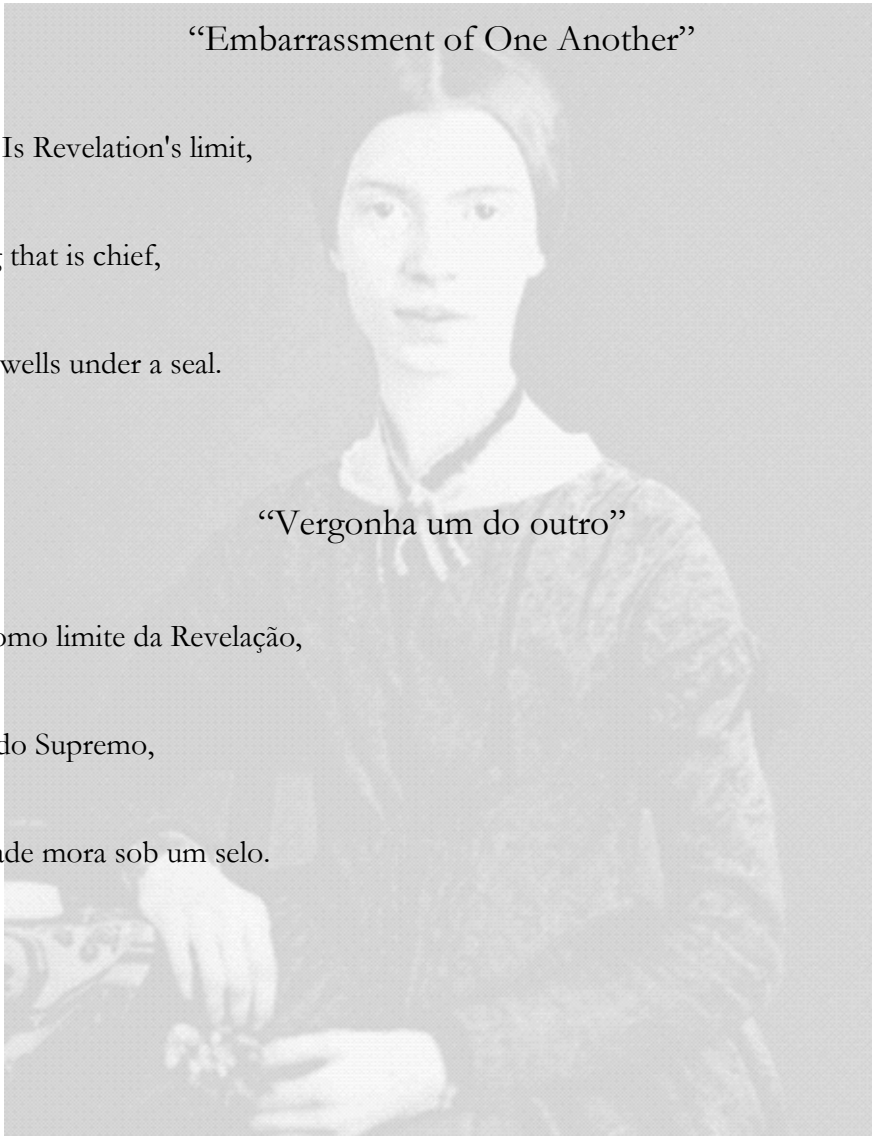
Emily Dickinson³

“Embarrassment of One Another”

And God Is Revelation's limit,
Aloud
Is nothing that is chief,
But still,
Divinity dwells under a seal.

“Vergonha um do outro”

E Deus como limite da Revelação,
A Voz
Nada diz do Supremo,
Porém,
A Divindade mora sob um selo.



Paul Célán⁴

“Tübingen, January”

Eyes talked into
Blindness.
Their – “an enigma is the purely originated” –, their
Memory of
Hölderlin towers afloat, circled
By whirring gulls.

Visits of drowned joiners to
these
submerging words:

Should,
Should a man,
Should a man come into the world, today, with
The shining beard of the
Patriarchs: he could,
If he spoke of this
Time, he
Could
Only babble and babble
Over, over
Againagain.

(“Pallaksh. Pallaksh.”)

“Tübingen, January”

Olhos induzidos à cegueira
Sua–“um enigma é o puramente

originado “–
memória das torres flutuantes de Hölderlin, circundadas
pelo zunir das gaivotas.

Visitas de carpinteiros submersos a
essas
palavras submersas:

Deve
Deve um homem,
Deve um homem vir ao mundo, hoje, com
A barba reluzente dos
Patriarcas: ele poderia,
Se falasse desse
tempo, ele
poderia
apenas gaguejar e gaguejar

vezpósvezpós
denovodenovo

(“Pallaksh. Pallaksh.”)

*

* *

“Todnauberg”

Arnica, eye balm, the
draught at the fountain with
the spray of stars above,

In the
hut,

there, in the book
_whose, the names it bore
before mine?_
in that book
the line written about
a hope, today,
in the coming
word
of a thinker,
in the heart,

woodland humus, unlevelled,
orchis and orchis, scattered,

crudeness, later, in the car,
distinct,
he who drives us, the man,
listening too,

half-cleared the paths
of logs in the mire,

dampness, much.
He who drives us, the man,
Who listens in

The half-trodden wretched
tracks through the high moors,
dampness, much.

“Todtnauberg”

Arnica, bálsamo para os olhos, o
gole na fonte com

o jorro de estrelas no alto,

na

cabana,

lá, no livro

– de quem os nomes que trazia antes do meu? –

naquele livro

a linha escrita sobre

uma esperança, hoje,

na palavra

vindoura

de um pensador,

vinda do coração,

húmus do bosque, acidentado

orquídeas e orquídeas, espalhadas,

grosseria, depois, no carro,

distinta,

ele que nos dirige, o homem,

também ouvindo,

semi

desobstruídas as passagens

de cepos no atoleiro,

umidade,

muita.

Nota Bibliográfica

Os poemas de Wallace Stevens e o poema de Emily Dickinson foram extraídos de Bartleby.com-Great Books online- www.bartleby.com

Os poemas de Paul C elan estão no livro Poetry as Experience, de Philippe Lacoue-Labarthe, translated by Andrea Tarnowski. Stanford University Press, 1999. As versões em inglês foram traduzidas por Michael Hamburger.

¹ Sueli CAVENDISH

Professora Adjunta da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Editora da Revista Eutomia.

Líder do Núcleo de Teoria e Crítica.

² Wallace Stevens (1879-1955). Nascido em Reading, Pensilvânia, em 1879, graduado em Harvard, Stevens estabeleceu-se em Hartford, Connecticut, como executivo de uma companhia de seguros e ali viveu uma vida de reclusão, junto com a mulher, a filha, e alguns poucos amigos até a sua morte em 1955. Com exce o de duas passagens por Havana nunca esteve no exterior. Ao Modernismo instaurado por Eliot e Pound Stevens respondeu com o modernismo de cor local, como no poema *Anecdote of the Jar*, cujo primeiro verso - *Eu pus um jarro no Tennesse- o denuncia*. O poema, assim como *O Homem de Neve* e *O Imperador de Sorvete*, consta da sua primeira coletânea de versos, *Harmonium*, cujo tom   o da paródia, fantasia, humor, sofisticac o, comédia. Stevens afirmava nunca haver conhecido o tédio, embora para ele as pessoas fossem um aborrecimento a ser evitado. "Felicidade", Stevens disse uma vez,   afinal o grande tema e todos os seus poemas o abordam: Que devemos encarar os fatos como são   o primeiro imperativo. Mas tinha, como toda a gente, vagas no c es do que   a realidade. Por isso o mundo dos sem imagina o   tedioso e incoerente. Aquele que não a põe em movimento   invadido pela imagina o comum, e em nosso tempo, a imagina o comum   desorganizada, inerte, inconsciente, sórdida e povoada de clich s. A pessoa de imagina o fértil vive num mundo que não   real, mas   original, ordenado, significativo e essencialmente feliz. Entre as suas cole es de poemas estão: *Ideas of Order* (1936); *Owl's Clover* (1936); *The Man with the Blue Guitar* (1937); *Parts of a World* (1942); *Transport to Summer* (1947); *The Auroras of Autumn* (1950); *Collected Poems* (1954); *Opus Posthumous* (1957); *The Palm at the End of the Mind* (1972) e um dos seus poemas mais famosos: *13 ways of looking at a mockingbird*.

³ Emily Dickinson (1830-1886). Quase tudo já foi dito sobre a vida de reclusão levada por Emily Dickinson em Amherst, Massachusetts, onde nasceu em 1830 e onde viveu toda a sua vida: a introversão e rigidez moral, herdadas do pai, o Transcendentalismo de Emerson e Thoreau que muito a afetara, as trocas com um preceptor, Thomas Wentworth Higginson com quem se comunicava por cartas, a pura f  dedicada aos grandes temas e o esquecimento e indiferença quanto às atribula es do cotidiano. Hoje se pode dizer que o que resta assinalar sobre Emily Dickinson   o escândalo que constitui o fato de sua genialidade haver permanecido oculta por tantos anos, como uma 'Divindade sob um Selo', enquanto ainda estava viva e precisamente por um guardião da sua obra, e pretensu protetor, Thomas Wentworth Higginson, a quem Dickinson endere ara uma carta juntamente com alguns dos seus versos. A reclusão assumida por Dickinson viria a causar muita especula o, não apenas   sua época, mas também em anos recentes, quando inúmeras tentativas de relacionar vida e metafísica da autora têm sido empreendidas. Entretanto a poesia de Emily permanece única, parecendo haver alcançado aquele movimento paradoxal em dire o   expressão singular ssima: a expressão que resiste. Harold Bloom foi certamente um dos responsáveis por alavanc -la   posi o que hoje ocupa na poesia americana, vindo a cont -la entre os 5 melhores poetas de todos os tempos na América. Ele sugere que na maioria dos seus poemas Dickinson nos oferece as mais aut nticas e estimulantes dificuldades cognitivas da poesia dos séculos 19 e 20.

⁴ Paul C elan (1920-1970).   principalmente a experiência do Nada, nos diz Philippe Lacoue-Labarthe, um "nada de ser", vivida enquanto vertigem, cegueira, t tubio, gagueira, afasia aquilo para o que aponta a poesia de C elan, especialmente se pensamos em Tübingen, January; de qualquer forma a linguagem poética transporta uma mensagem, que de algum modo chega ao seu destino: a afasia   o destino último da linguagem poética em nossos dias, o puro idioma que ocupa o centro do palco na poesia moderna. Mais precisamente, como Labarthe continua a esclarecer, e tendo em mente Tübingen, January, o poema   uma mensagem que traduz a experiência, uma travessia no perigo, não do vivido, mas do lembrado:   da  que ele "jorra", daquilo que não ocorreu ou ocorreu durante o evento singular ao qual se relaciona: uma visita na memória de uma experiência, que   também a não - forma de um puro não-evento, movendo-se em dire o a eles,   sua fonte, situando-se sempre numa rota. Não há, portanto, experiência poética no sentido de um momento vivido ou de um estado poético (cf Labarthe, P.L. Poetry as Experience). Todtnauberg, por seu turno, recusa-se a assumir forma, sequer como esboço. E configura-se como resíduo de uma narrativa abortada. Um poema extenuado, poema do desencanto, do desencanto da poesia. Que prov m seguramente da linguagem pela qual a morte veio sobre ele, sobre aqueles que o cercavam, e milhões de judeus e não judeus, um evento sem resposta, sem a palavra que Heidegger se

negara a pronunciar: perdão. Celan nasceu na România, morou na França e escreveu na Alemanha. Seus pais foram mortos no Holocausto; o autor escapou trabalhando num campo de concentração. A Morte é um Senhor que vem da Alemanha, é a frase mais célebre de Celan, traduzida para o inglês do poema Todesfuge (Death Fugue)